



Homens & Lobos

Património vivo

2018 tem vindo a ser assinalado como o primeiro Ano Europeu do Património Cultural. Ainda há pouco, no último fim de semana de setembro, tiveram lugar as Jornadas Europeias do Património, sob o lema “Partilhar Memórias” – oferecendo entradas gratuitas nos museus e dinamizando centenas de atividades por todo o País. Debates, sessões de leitura, visitas guiadas, exposições... Em Castro Daire, o Grupo Lobo marcou presença, com a exposição fotográfica “Olhar o Lobo” e ainda com uma palestra sobre a importância dos cães de gado na preservação da biodiversidade.

Mas já diz o povo que o que é de todos não é de ninguém. Infelizmente, todos conhecemos exemplos de edificações e monumentos a precisar de intervenções que os salvem da ruína; por falta de dinheiro, de atenção ou até de uma definição clara de responsabilidades. Cada um de nós deve dar o seu contributo para a salvaguarda e para a divulgação do que é nosso. Mesmo de um ponto de vista mais interessado, só temos a ganhar com isto: mais pontos de interesse para atrair turistas, estrangeiros ou não, equivalem a mais receitas para as economias locais. Não há razão para que os benefícios do turismo se acumulem no litoral.

E o Património pode ser algo bastante mais vasto do que castelos, pelourinhos e outros memoriais em pedra. Daí este Ano Europeu, dedicado a tudo aquilo que constitui, ao fim e ao cabo, a nossa Cultura única, enquanto Povo e Nação. Literatura, gastronomia, artes plásticas, ofícios tradicionais, música, olaria, teatro, cinema... mas também hábitos seculares

e tradições mil.

Nem precisamos de invocar a qualidade de Património Natural do lobo-ibérico para o trazer à colação. Este animal está intimamente ligado a tradições e modos de vida que hoje correm risco real de desaparecimento. Falamos, por exemplo, da pastorícia tradicional, que já teve melhores dias: os mais novos torcem o nariz a uma vida difícil, de horários exigentes e com escassas compensações; os mais velhos vão desistindo dos seus rebanhos e manadas. Em Portugal, continuamos longe de países que sabem dignificar a profissão de Pastor, com escolas próprias e até ordenados subvencionados estatalmente.

No universo da pecuária, outros bens inestimáveis correm hoje perigo: muitas raças de cães e de gado autóctones tenderão também a extinguir-se, deixando-nos a todos mais pobres. Recordemos que há bem pouco tempo o hábito de guardar os animais com bons cães de gado, de raças indicadas para o efeito, esteve à beira de cair no esquecimento.

Mas isto não é uma fatalidade. Em alguns países europeus, a pastorícia conseguiu manter-se e até prosperar, graças a decisores que souberam valorizar a sua importância económica e como “âncora” para combater o êxodo para fora das zonas rurais. Urge estudar bem esta complexa questão, falar com os seus atores locais e escolher estratégias que impeçam mais uma perda trágica para o País.

Texto produzido no âmbito do Projeto LIFE Med-Wolf, cofinanciado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.